

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

92

INSCRIÇÕES 412-415



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2011

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



EPITÁFIO DE *LUCRETIA DOQIRA* EM ALENQUER  
(*Conventus Scallabitanus*)

Placa funerária quadrangular, toscamente talhada em laje de rocha sedimentar estratificada comum na região, e vulgarmente utilizada nas edificações antigas de pedra e adobe, encontrada a cerca de 2,8 m de profundidade, quando se procedia à abertura de um poço, por volta dos anos 70, em Merceana, freguesia de Aldeia Galega, concelho de Alenquer, numa várzea à época urbanizada e que antigamente pertencera aos terrenos agrícolas da Quinta do Freixo entretanto desaparecida.<sup>1</sup> Está na posse de Cristina Luísa M. Neves do Vale, na sua casa em Aldeia Galega.

A peça apresenta a superfície alisada e os bordos laterais foram aparentemente afeiçãoados no sentido de dar forma à lápide. Pelo contrário, a sua base irregular denota a ausência de qualquer tipo de intervenção, pelo que seria, com toda a probabilidade, uma face não exposta. Há que registar um arredondamento dos vértices, devido ao desgaste natural e uma fractura diagonal de tamanho considerável no canto superior direito, que, no entanto, não afecta significativamente o texto inscrito, já que apenas duas letras foram atingidas marginalmente.

---

<sup>1</sup> Cf. MELO, António Oliveira, GUAPO, António Rodrigues, e MARTINS, José Eduardo, *O Concelho de Alenquer – Subsídio para um Roteiro de Arte e Etnografia*, vol. 4, Comissão Municipal da Feira da Ascensão de Alenquer em conjunto com a Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer, 1987, p.255.

Dimensões: 36 x 44,5 x 10/12 cm.

Campo epigráfico: 36 x 44,5.

LVCRETIA / DOQIRA · Q(*uinti*) / LVCRETI(*i*) · TANG/  
INI · F(*ilia*) H(*ic*) · S(*ita*)

Aqui jaz Lucrecia Doqueira, filha de Quinto Lucrécio Tangino.

Altura das letras: 1. 1: 6,5/7; 1. 2: 6/7; 1. 3: 5/5,5; 1. 4: 4,5. Espaços: 1: 4; 2: 1/1,5; 3 e 4: 1; 5: 3/5.

Paginação cuidada, com rigoroso alinhamento à esquerda. Pontos redondos, fundos, usados correctamente, apenas não sendo possível saber, devido ao desgaste, se teria existido antes do H (l. 4).

Caracteres actuários, gravados com goiva. Barras horizontais curtas (nomeadamente a do T); V bem aberto; C inusitadamente estreito; no R, a pança e a perna (bem oblíqua e recta, não tocando na haste vertical) resultam de um só *ductus*; D estreito também (dir-se-ia que é um C invertido acoplado à haste vertical); O acusando, na sua irregularidade de traço, o martelar da goiva; Q feito a partir de um O a que se acrescenta a cauda, quase horizontal; A nitidamente grafado como V invertido, aberto e de travessão centrado na altura; N mais estreito no final da l. 3, devido à exiguidade do espaço disponível, mais largo na linha seguinte. A forma como termina inferiormente a última letra da l. 3<sup>2</sup> inclina-nos a ler G e não C. Na última linha, apesar do esborcinado da superfície, cremos que se vê com alguma clareza o F; o S é, por seu turno, de características assaz cursivas, muito lançado para diante, dando a impressão de que o *ordinator* quis dessa forma ocupar espaço que ainda lhe sobejava... Não há, porém, qualquer vestígio de eventual E que completasse a fórmula, mais habitual, H(*ic*) S(*ita*) E(*st*).

Documenta a epígrafe o que poderíamos designar a segunda fase adiantada da aculturação onomástica, dado que

---

<sup>2</sup> Semelhante à forma 5 da figura 9 apresentada por Pedro Battle Huguet (*Epigrafia Latina*, Barcelona, 1963, p. 12).

ambas as personagens nela citadas assumiram já o gentílico latino – *Lucretius* – e mantiveram os *cognomina* indígenas, aspecto, aliás, bem patente no *ager Olisiponensis*, tanto na zona de Odrinhas,<sup>3</sup> como em Torres Vedras<sup>4</sup> ou Cascais.<sup>5</sup> E deve realçar-se a circunstância de o pai vir identificado com os *tria nomina*, o que pode ser indício de duas intenções: mostrar que já adoptara a forma de identificação romana ou – o que se nos afigura mais verosímil – ter partido do pai a iniciativa de mandar lavrar o epitáfio, partindo do princípio que ele próprio ali viria a ser sepultado. Neste caso, a atrás referida ausência da forma verbal final poderá ganhar outro sentido: ambigualmente, o S pode desdobrar-se no plural *S(unt)* ou *S(iti)* – e este se nos afigura um estratagema assaz digno de menção, para o qual ainda não fôramos despertados e que outros exemplos poderão via a atestar.

*Tanginus* (ou *Tancinus*) é, seguramente, um dos nomes típicos da área lusitana mais correntes.<sup>6</sup> *Doqirus* (também grafado *Doquirus* ou mesmo *Docquirus*) atingirá, por seu turno, a vintena de exemplos (*ibidem*, p. 161, mapa 113), sendo mais frequente, contudo, na zona da Lusitânia central, em torno da *civitas Igaeditanorum*. Registe-se, a título de mera curiosidade, a ocorrência de um *Tanginus Docquiri filius*, que, em Nisa, prestou culto a *Júpiter Repulsor*.<sup>7</sup>

Quanto ao nome *Lucretius*, não será ilegítimo afirmar que estamos perante uma das famílias romanas mais documentadas no território de *Olisipo*: dos 15 testemunhos mencionados no *Atlas* atrás referido (p. 218, mapa 176), 5 são do aro urbano da

---

<sup>3</sup> LAMBRINO, Scarlat, «Les inscriptions de S. Miguel d’Odrinhas», *Bulletin des Études Portugaises et de l’Institut Français au Portugal* 16 1952 p. 134-176 (sobretudo, p. 164-167)

<sup>4</sup> MANTAS, Vasco Gil, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99.

<sup>5</sup> ENCARNÇÃO, José d’, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2001, p. 119-121.

<sup>6</sup> Quase 120 testemunhos documentados no mapa 289 (p. 315) de NAVARRO CABALLERO, Milagros e RAMÍREZ SÁDABA, José Luís [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003.

<sup>7</sup> ENCARNÇÃO, José d’, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, 1984, Coimbra, p. 698, inscrição n.º 640.

cidade e temos uma *Lucretia* em Alcaínça (Malveira) e uma *Lucretia Severa* em... Olhalvo! Ora, o local do achado do epitáfio de *Doqira* dista cerca de 4,5 km, em linha recta, da Quinta da Margem d'Arada, de Olhalvo, em cujos terrenos agrícolas há notícia de terem sido encontradas outras três inscrições (cf. Melo *et alii*, p. 270). Não nos admiraria, portanto, que esta zona de várzea junto de um ribeiro possa ter sido o domínio desta família romana.

Pelo tipo de letra e modo de gravação; pela tipologia do monumento, resultante do afeiçoamento tosco de adequado fragmento encontrado; pela forma de identificação das personagens; pela simplicidade do formulário (ausência de indicação de idade, ausência da consagração aos deuses Manes e da fórmula *sit tibi terra levis*), cremos ser a epígrafe datável de meados do século I da nossa era.

CRISTINA VALE  
JOSÉ D' ENCARNAÇÃO<sup>8</sup>



414

---

<sup>8</sup> A preparação deste texto insere-se no quadro da investigação levada a efeito como membro do grupo “Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages” do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade de Investigação 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).